

espaço e um tempo que: (a) o regime político vigente seja monárquico; (b) ele adquira o poder de fazer tudo o que desejar sem qualquer restrição; (c) tudo seja menos moderno; (d) ele tenha um papel político a desempenhar; (e) a amizade seja bastante valorizada. Este pequeno senão, no entanto, não chega a comprometer a qualidade global do material. Merecem elogios as ilustrações e a iconografia, sob a responsabilidade de Jorge Arbach e de Chico Homem de Melo, dada a sua qualidade artística. Ora é um coqueiro que emerge da selva de pedra de São Paulo para ilustrar os versos de Caetano em *Sampa*, ora é um quadrinho de Quino para ilustrar a associação das linguagens verbal e não-verbal, ora são reproduções de artistas famosos como Mondrian, Antônio Bandeira, Volpi, etc. A iconografia se completa com textos de propaganda, fotografia, gravura, gráfico e até mesmo com a reprodução de uma primeira parte de um jornal. Estes textos não-verbais não são meras ilustrações, mas textos que vão ajudar a enraizar conceitos discutidos ao longo do trabalho. *Para entender o texto* é, antes de tudo, uma leitura prazerosa e pode ser recomendado não apenas como um texto didático, mas também como um excelente texto de referência.

Vera Menezes

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

Em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, Marisa Lajolo retoma um percurso crítico que dá continuidade aos seus estudos sobre leitura, literatura e livro didático. A retomada dessa travessia, no entanto, não significa repetição. Ao contrário, nesse último livro, a autora reflete, de forma inovadora, sobre a complexidade que envolve a leitura, a literatura, a escola, o livro didático, o currículo, e a formação de professores. Esses aspectos inserem-se numa perspectiva mais ampla, aquela do "mundo da leitura", e estão enfocados na primeira parte do livro.

Através da análise de textos de Machado de Assis, Pepetela e Monteiro Lobato, a autora mostra como a leitura, a escola e a literatura encenam-se nas obras desses autores. Esses estudos pertencem a "Leituras do mundo, segunda parte do livro.

Aproveitando as palavras da ensaísta, seria interessante mostrar não somente o que seu "texto diz", mas "o modo" como seu texto "diz o que diz". Assim, é importante assinalar que, desde o primeiro capítulo do livro - que trata da leitura literária nas escolas -, desdramatiza idéias que, ao se incorporarem aos discursos e à prática dos professores, fazem da leitura um ato periférico.

Essa argúcia crítica da autora, presente no capítulo em destaque e em outros seus escritos, mantém-se nos capítulos subseqüentes que enfocam, grosso modo, a literatura infanto-juvenil, o estudo da poesia na escola e o livro didático e a língua portuguesa. Essas questões são abordadas numa contextualização histórica.

Sob essa perspectiva, no segundo capítulo, por exemplo, em que estuda a literatura infanto-juvenil, depois de destacar as transformações sócio-econômicas do Brasil, a partir dos anos 50, evidencia que é "na esteira dessa especialização progressiva de mercadorias e de mercados que adquire maior nitidez a noção de *literatura juvenil*, e que se entende a dimensão sobretudo mercadológica dos livros voltados para jovens (...)". A inserção das questões educacionais no contexto histórico esclarece como "na tradição brasileira, escola, leitura e escrita são experiências que afloram em relatos de vida vividas no pólo hegemônico da cultura". No que se refere à contextualização histórica, é importante assinalar também como o delineamento da pré-história do livro didático ajuda a compreender a dimensão de mercadoria de que hoje se revestem tanto o livro didático como os livros de literatura infanto-juvenil.

Nunca separando a teoria da prática, no capítulo "Poesia: uma frágil vítima da escola",

com um exemplo concreto, Marisa Lajolo evidencia de que maneira um excelente texto literário pode ser diluído na escola. No caso analisado, a escola acaba prestando um "deserviço" à poesia.

Atenta às tensões entre autor, leitor e mercado editorial, dedica a esses aspectos um capítulo intitulado "Os leitores, esses temíveis desconhecidos". Inserindo as questões educacionais na História, desvelando os véus encobridores da política que envolvem o ensino da literatura e o da língua portuguesa e o livro didático, a autora desarma o leitor desavisado, colocando-o, na segunda parte do texto, em contato com textos literários que encenam, de forma não estereotipada, imagens do leitor, do livro e do ensino da literatura. Em "Leituras do Mundo", no capítulo "Machado de Assis: um mestre de leitura", observa como o escritor carioca textualiza o percurso da obra literária "como objeto concebido como destinado à fruição gratuita até seu estatuto de mercadoria". Já no capítulo "As aventuras de Ngunga, na escola e na leitura", fica evidente como a narrativa de Pepetela encerra "os impasses vividos pela literatura angolana, leitura, escrita e escola". No estudo sobre o Dom Quixote de Lobato, aparece, de maneira destacada, a personagem Dona Benta que "lia diferente dos livros". Como leitora especial, Dona Benta mostranos que ler é também

interpretar os signos do mundo.

Os textos literários realçados, ao contrário da leitura fechada do sistema escolar, oferecem ao leitor um conceito múltiplo de leitura. Enquanto o sistema escolar reforça a repetição, os leitores dos textos literários analisados questionam essa repetição, traduzindo o ato de ler como atividade criadora.

Quer seja em "Mundo da leitura" ou em "Leituras do Mundo", o leitor do livro em destaque é convidado a participar, de maneira ativa, das questões desafiadoras, analisadas com rigor analítico e metodológico por Marisa Lajolo. Através desse novo livro, a autora, mais uma vez, fisga seu leitor, fiel à sua argúcia crítica, à sua linguagem e ao seu modo especial de tratar questões tão complexas.

Haydée Ribeiro Coelho